

ENTREVISTA COM: RITA ENGLER



Fale um pouco sobre sua carreira, formação, área de atuação, grupo de pesquisa e principais projetos desenvolvidos

Eu, atualmente, sou professora do PPGD – Programa de Pós-Graduação em Design da UEMG – Universidade do Estado de Minas Gerais. Minha cadeira é Design & Inovação e meu percurso é um pouco fora do comum. Minha graduação é em engenharia civil pela UFMG, sou especialista em portos, aeroportos, estradas de ferro e rodagem. Na Escola de Engenharia descobri que máquinas não apresentam desafios, você programa e elas respondem exatamente aquilo que nos foi pedido. Já as pessoas....ah, as pessoas sempre foram muito mais interessantes: se você pede A, com muita sorte pode conseguir um A', mas o mais provável é vir um AB, ou mesmo um C. Gosto de pessoas e sempre busquei formas de trabalhar melhor com todos. Logo que me graduei fui aceita no mestrado em Engenharia Industrial da PUC/RJ onde conheci as técnicas de administração japonesas e me apaixonei pela gestão participativa. Minha dissertação tratava sobre a participação dos operários da construção

civil na gestão. Vocês não de convir que em 1985 não era muito comum engenheiros se preocuparem com a opinião dos “peões” de obra. Mas, no Rio encontrei uma empresa que utilizava a participação de todos em suas obras e com bastante sucesso, tornando-se meu estudo de caso.

Vencida esta etapa fui convidada a fazer o doutorado na École Centrale Paris em Gestão de Inovação Tecnológica. Meu orientador havia frequentado o Tavistock Institute e era um dos disseminadores da Escola Sócio-técnica na França. Percebi, então, a importância da cultura da população e das empresas nas formas de gestão, e este foi o tema da minha tese de doutorado. Fiz uma comparação entre o Brasil, a França e a Noruega países onde tive oportunidade de trabalhar. Fiz meu doutorado na ECP, mas através de um amigo, o Prof. Jairo Camara, fui trabalhar como chargé des cours na École des Mines de Paris, no laboratório PPN- Projet , Produit Nouveaux, onde me aproximei do design. De volta ao Brasil, passei 10 meses, meu primeiro pos-doc, em Design na UEMG.

O CEFET/RJ estava abrindo um mestrado em Gestão de Tecnologia, fiz o concurso, passei, e coordenei o programa por 3 anos. Depois fiquei um ano no departamento de Design da UFPR, onde lecionei ergonomia com o Prof. Ivens Fontoura (saudades...) uma fera que me ensinou muito.

Mudei-me para São Paulo, tive 2 filhos em 10 meses e minha vida mudou. Fiquei um ano na Universidade Mackenzie, no mestrado de Administração de Recursos Humanos e 9 anos como professora na BSP-Business School São Paulo, onde criei e coordenei o Centro de Lideranças.

Em 2007 a UEMG estava montando o mestrado em Design, Inovação e sustentabilidade e eu fui convidada a participar da comissão que escreveu o projeto. Em 2009 veio o concurso para o PPGD e eu ocupo a vaga de titular em Design&Inovação.

Em janeiro de 2009 foi aprovada a criação do CEDTec-Centro de Estudos em Design e Tecnologia, que coordeno desde então. A atuação do CEDTec está centrada na pesquisa em Design Social e Inclusivo, e na

Inovação de Produtos e Serviços, em parceria com outros centros e instituições. Busca otimizar os recursos tecnológicos e humanos da instituição acadêmica e cooperar com a sociedade, desenvolvendo projetos com foco na inclusão social, na colaboração e na sustentabilidade, em processos e serviços. É membro da REDE DESIS para inovação social e do LeNS – rede para o ensino da sustentabilidade.

Lidero 2 grupos de pesquisa no CNPq: Design, Inovação e Tecnologia; e Design Inclusivo e Inovação Social.

Durante esses 13 anos na UEMG atuei em diversos projetos, com focos diversos como inclusão (Librário-Libras para todos, design para catadores, filhos de apenados, arte urbana, etc.); geração de renda (Food design no Brasil e África do Sul, comunidades criativas, hortas urbanas, reaproveitamento de pallets, design com resíduos vegetais, etc.); sustentabilidade e economia circular (descarte de medicamentos, conforto térmico, tecidos de cama e banho) entre outros.



Figura 01 - Luminária com reaproveitamento de pallets.
Fonte: Acervo próprio

Sabemos que a questão social está hoje presente em todas as áreas do conhecimento. Sendo o design uma área projetual, a necessidade de projetar algo para um mundo cada vez mais consciente quanto os aspectos da sustentabilidade é um grande desafio. Como a professora observa a questão da sustentabilidade no campo do design social?

A sustentabilidade é uma premissa que está presente em todos os projetos do CEDTec, não posso admitir ou mesmo imaginar que Designers ou qualquer outro profissional desenhe projetos sem levar em conta aspectos da sustentabilidade. Principalmente quando o foco do Design são as pessoas, como conceber um projeto sem buscar recursos sustentáveis, que gerem um mínimo de resíduos, e que mesmo estes possam ser reaproveitados, que gere riqueza para quem produz e que respeite e valorize a cultura local?

O design social busca tornar a sociedade mais humana, dar oportunidade a todos, trabalhar dentro de uma economia circular onde cada percurso finalize no início de outro, onde haja respeito e valorização das peculiaridades de cada cultura, e que os valores de cada comunidade sejam respeitados.

No Design Social, a grande maioria dos projetos e seus respectivos pesquisadores, valorizam todos os pilares da sustentabilidade: econômico, social e ambiental, conforme o pensamento de Elkington, e hoje acrescido e um quarto pilar, a cultura. A sustentabilidade é sem dúvida muito presente no Design Social.

A professora coordenou uma ação social para confecção de máscaras na pandemia. Fale um pouco sobre esta ação e a importância de atividades como estas.

No dia 31 de março de 2020 eu recebi um telefonema do Dr. Flávio Capanema, diretor de Inovação da FHEMIG - Federação dos Hospitais de Minas Gerais, me perguntando se a UEMG poderia ajudar a produzir EPI's nas impressoras 3D. Atendi prontamente, e a professora Carol Pagnan, coordenadora do FABLAB, ficou responsável pela produção. Eu então comecei a buscar uma forma mais efetiva de colaborar e me veio a ideia de produzir máscaras para a população, hospitais públicos, asilos, associações, enfim quem precisasse e não tivesse recursos. Com a ajuda dos empresários da moda de Belo Horizonte montamos um grupo e criamos o movimento Um Milhão de Máscaras (1MM).



Figura 01 - Logo 1MM.
Fonte: Acervo do Movimento

O 1MM tem 3 objetivos:

- Produzir máscaras para distribuir onde forem necessárias;
- Gerar renda para as costureiras de facção, que estavam sem trabalho com o fechamento do comércio;
- Sustentabilidade, através da utilização de retalhos, sobras de coleção, tecidos acumulados nas confecções para a produção das máscaras, reaproveitamento de SMS dos hospitais.

Nesses 4 meses, com a ajuda de muitos parceiros, já conseguimos distribuir aproximadamente 600.000 máscaras. Nossas máscaras foram entregues em hospitais e asilos públicos, comunidades carentes, moradores de rua, profissionais do sexo, comunidades indígenas em MG, Amazônia e no Xingu, Quilombolas, Ciganos, diversas ONGs, grupos religiosos de múltiplos credos, associações de catadores de resíduos recicláveis, e todos que nos procuram.



Figura 02 - Representantes da tribo Pataxó.
Fonte: Acervo do Movimento

A importância deste trabalho está na colaboração com a comunidade na prevenção da disseminação do vírus.

Considerando a situação de calamidade pública que enfrentamos, como enxerga o papel das pesquisas e universidades brasileiras.

O papel da pesquisa nas universidades brasileiras, na verdade em todo o mundo é criar riqueza e valor para a sociedade. Em uma situação de calamidade esta vocação de trabalhar para todos fica ainda mais exacerbada devido ao momento tão grave, que atinge a todos, independente de raça, sexo, idade ou condição econômica. Nunca fomos tão iguais, quanto perante ao vírus. Todos temos que trabalhar juntos, pois juntos somos mais fortes. A universidade brasileira ainda não trabalha tão ligada a sociedade quanto eu acredito que deveria. É preciso que a comunidade acadêmica trabalhe em projetos que tenham resultados efetivos na população, é preciso estarmos mais ligados as empresas públicas e privadas de forma a produzir bens e serviços que beneficiem a todos (utopia, ok), mas a maioria da população. Cada segmento, cada clã, cada cidadão deveria poder contar com o apoio das universidades. A universidade sempre esteve na vanguarda de pensamentos e inovações, precisamos apenas torná-los mais acessíveis.

